

Tres anos depois, na cadeira de Parasitologia, chefiada por Pessôa, fiz outra experiência desanimadora. Reconheço hoje que sempre fui aluno ~~deprimido,~~ voluntarioso, impaciente com aquilo que não ~~mei~~ parecia relevante aos meus planos de futuro—porque estudar o ciclo ~~vital~~ ^{da} equinocose, por exemplo, se o meu sonho era a cirurgia infantil, porque todo este zelo em fazer-nos aprender a chave de classificação de uma ~~multidão~~ de mosquitos e outros bichos, se ~~esta~~ era preocupação periférica a 99% dos medicos? E aconteceu o inevitavel: fui para dependencia em Parasitologia, e tive pela segunda vez a me submeter a todo o martírio.—Naquele tempo, como vocês percebem, ainda existia a dependencia. ... (Caso ~~contrário~~ eu provavelmente não estaria aqui, com diploma de médico.)

Foram duas experiências que desencorajaram qualquer pronta amizade entre mim e Samuel.

Com todos esses percalços—e outros ainda—em 1955 consegui formar-me médico, mas já abandonara a ambição de fazer cirurgia. Tinha visto o suficiente para saber que não se encontra nos hospitais de ensino, modernos e geralmente superequipados, a solução para as doenças comuns da população, havia compreendido que estes centros medicos polarizam uma infima fração da população, e que não seria através do trabalho numa ~~dessas~~ torres de marfim que eu poderia repassar á população ^{de volver} ~~e sacrificio de ter custeado~~ ^{os custos de} meu curso de Medicina.

De sorte que, um ano depois de formado, mandei-me para o nordeste, áto que todos julgavam irracional, ^{amigo, colega, paulista.} Efetivamente, não se deveu ao frio raciocinio, mas a um impulso cego. Foi a bussola ou o vento que me guiou?

Hoje eu sei que não foi inteiramente ao acaso, ~~curiosa~~ a vida: se um ano antes alguém me tivesse proposto Samuel Pessôa como paraninfo da turma-honra, aliás, que lhe foi prestada muitas vezes—indignadamente eu ~~o~~ teria rejeitado. Mas eis que eu estava de malas arrumadas para Pernambuco, para trabalhar no mato, como Pessôa fez durante tantas anos! E ainda me julgava espontâneo, ~~original~~, com livre arbitrio sobre meus atos!

Pessôa tem necessidade de cercar-se de alunos e discipulos, não para que estes auxiliem-no a dar aulas ou fazer pesquisas, não—o joven que se inércia na vida universitária geralmente nos toma um tempo enorme até que consiga produzir—mas por ser esta sua vocação. Durante décadas, com uma paciencia e uma dedicação que nunca observei em ~~nenhum~~ outro mestre, deu a cada um o melhor de sí, multiplicou-se por cem, construiu o que de mais invejavel existe—fez escola. Fez escola—é este o termo que se emprega para caraterizar o mestre bem sucedido. Pouquissimos o conseguem, por comodismo, falta de personalidade capaz de atrair alunos ou, sim, até por terem ~~um~~ medo de que o joven ~~lhe~~ venha a tornar-se competidor. Já vi muitos exemplos assim.

Aluno-3

Techo de uma ~~oratória~~ conferência feita em 1962:

E nós, seus alunos, discipulos, assistentes, despudoradamente aproveitavamos tudo que tinha que dar, avidamente, gulosamente como ameba faminta, fagocitavamos o velho Samuel.

De muitos pode se orgulhar. Não havia recanto no Brasil, desde que houvesse se, mosquitos, triatomas, australobis, bem entendido, que não tivesse sido desbrava-